

José Lopes da Silva

# ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

## LIVRO DO PROFETA BARUC



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO  
DOCTRINA CATÓLICA**

.....

**LIVRO DO PROFETA BARUC**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

**1ª EDIÇÃO**

**DIAGRAMAÇÃO**

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

**IMAGENS**

[pixabay.com.br](http://pixabay.com.br)

[pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)

# SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA BARUC.....	5
O profeta e seu tempo.....	5
A OBRA .....	6
Estrutura.....	6
Mensagem teológica.....	7
ESTUDO DO LIVRO DO PROFETA BARUC .....	11
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

# INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA BARUC



A atribuição deste Livro de Baruc não é admitida por muitos motivos. As indicações históricas contidas na introdução não correspondem a outros dados bíblicos. Assim, por exemplo, a presença de Baruc na Babilônia (1,1) não é coerente com a notícia de Jr 43,6-7, segundo a qual Baruc se encontrava em Tafni, no Egito, onde, conforme uma tradição rabínica, teria morrido. O quinto ano (1,2) da destruição de Jerusalém (ano no qual Baruc teria lido o seu escrito aos hebreus na Babilônia) corresponde a 581 a.C. Não se explica, por isso, como seria possível falar de dias de festas e assembleias (1,14) em Jerusalém, que naquele momento não era mais nem mesmo o centro político e religioso da Judeia (Jr 40,6s; 2Re 25,9-12.22-24).

## **O profeta e seu tempo**

O fato dos exilados reunirem-se para celebrar a sua história e fazerem coletas e mandá-las a Jerusalém para a oferta de sacrifícios (1,2-7.10) pressupõe uma comunidade livre para se organizar, e em situação economicamente bastante efervescente. Esses indícios parecem se referir melhor ao ambiente dos exilados remanescentes em Babilônia, mesmo muito tempo após o edito de Ciro (539; Es 1; 8,21-36; Ne 1,1-4) e à situação de Jerusalém nas décadas seguintes à reconstrução do Templo (515 a.C.).

Também as características literárias excluem os primeiros anos do exílio como data de composição do livro e o aproximam dos escritos da época helenística macabaica (séc. II a.C.). É próprio desse período se dirigir a Deus com orações sob forma de confissões (Br 1,15-3,8 e Dn 9,4-19), tecer elogio à Sabedoria (Br 3,9-4,4 e Pr 8; Eclo 1,1-20; 24) e dirigir-se corajosamente à Jerusalém personificada, como já havia feito o Segundo e o Terceiro Isaías (Is 40s; 60-62).

O costume de atribuir escritos recentes a autores célebres do passado (pseudepigrafia) é frequente no período helenístico. Com isso, procurava-se conferir autoridade ao escrito e reivindicava-se a continuidade dos ensinamentos que podiam parecer contemporâneos à doutrina dos mestres estimados e amados do povo. Tal procedimento não era causa de admiração nem tampouco de escândalo entre os contemporâneos. Antes, o fato de que o verdadeiro autor de tais escritos se mantivesse anônimo podia ser visto como um sinal de admiração e expressão de estima para quem tinha tanta influência sobre a vida religiosa do povo de Deus.

## **A OBRA**

### **Estrutura**

Podem-se distinguir facilmente as diversas partes nas quais os dois livros são articulados:

1. Introdução (1,1-14): depois da apresentação do autor, descreve-se a situação dos exilados na Babilônia e se anuncia o envio de uma carta a Jerusalém;
2. Confissão pública (1,15-3,8): articulada em dois elencos de pecados (1,15-2,10; 2,23-35), seguidos de dois pedidos de perdão (2,11-22; 3,1-8);

3. Lamentação e esperança (4,5-5,9): Jerusalém chora os seus filhos dispersos e confessa a própria incapacidade de prestar ajuda a eles. A única esperança de salvação é colocada em Deus (4,5-29). O profeta responde ao lamento da cidade, descrevendo com tons entusiastas o retorno da população (e seus filhos) e a reconstrução (4,30-5,9). O lamento da cidade é intercalado pela exortação expressa no termo coragem (4,5.21.27), que é retomado pelo profeta e dirigido à mesma Jerusalém (4,30);
4. Sátira contra a idolatria (cap. 6): na introdução se recorda a causa do exílio e se previne os exilados do perigo da idolatria (6,1-6). A descrição dos ídolos (6,7-71) é subdividida em dez partes que são finalizadas sempre com uma espécie de refrão: não são deuses; não os temais, portanto (6,14.22.39.44.51.55.64.68.71). O versículo conclusivo afirma a superioridade de um homem justo sobre os ídolos (6,72).

### **Mensagem teológica**

O livro não apresenta novidade nas ideias teológicas que exprime. É, sobretudo, uma síntese de alguns princípios basilares da reflexão pós-exílica, com o objetivo de explicar o que aconteceu ao povo de Deus. O exílio, que podia ser motivo de escândalo e de perda da fé no Senhor, torna-se uma demonstração de capacidade de agir na história humana e uma confirmação dos atributos que a tradição de Israel lhe conferia.

Na confissão pública (1,15-3,8) se dá razão a Deus por tudo que ele fez para o seu povo. O reconhecimento das culpas antigas e recentes com referências contínuas sobretudo ao Deuteronômio (Br 1,20; 3,3-5.11.16.18.29.31) e a Jeremias (Br 1,15.19.22; 2,4.8) relembram ao povo a responsabilidade dos castigos que os puniram e desculpa Deus

por ter exagerado na punição dos culpados. O perdão pedido deve ser precedido de uma verdadeira conversão, de uma mudança de vida (2,30.33), que certamente pressupõe a disponibilidade do povo, mas é essencialmente dom de Deus (2,31.35).

Outros exemplos de confissão pública se encontram em Esdras (9,5-15), Neemias (c.9) e Daniel (9,1-19).

O sentido de vínculo profundo entre o passado e o presente, entre um grupo de pessoas e toda a coletividade, que caracteriza as confissões públicas, põe em primeiro plano o tema da solidariedade entre todos os homens. As gerações atuais são herdeiras de seu passado, no bem e no mal, e nenhum grupo pode se considerar desligado daqueles que lhe estão em volta.

A confissão dos pecados em Baruc (1,15b-22) retrata uma das mais belas páginas de toda a Bíblia. É reflexo do ser humano que, ao mesmo tempo que reconhece a bondade de Deus, se reconhece também pecador, sem máscaras, sem delongas: o Senhor, nosso Deus, é justo. Nós, porém, devemos hoje corar de vergonha... porque pecamos contra o Senhor. É a pura beleza do pecador em busca da graça. Contudo, não compartilha de uma teologia pessimista, para a qual o homem “é” pecado. Para Baruc, os pecados são atos do homem, mas nós nunca seremos a soma de nossos atos. É a justiça de Deus, sua fidelidade, que define quem é o homem: um ser agraciado pelo Senhor e, por isso, embora pecador, sempre filho de Deus.

De fato, *é uma alma angustiada e um coração atormentado que clama a vós: Escutai, Senhor!* (3,1). Deus na sua misericórdia não tardará a ouvir um grito tão angustiante e ao mesmo tempo esperançoso. O profeta convida o Senhor e certamente convida a si mesmo a não mais se fixar na história de pecado que foi o passado do povo: *não mais tomeis em conta os crimes de*

*nostros pais; lembrai-vos, apenas, nesta hora, do poder de vosso nome* (3,5). Não se trata de irresponsabilidade quanto à própria história, mas sim da abertura a um futuro que só Deus pode prover, futuro esse que transcende as barreiras da arrogância espiritual e desemborça na aventura da fé.

O elogio da sabedoria (3,9-4,4) exalta essa prerrogativa de Deus que pode reencontrar-se na natureza (3,32-35), mas que os povos idólatras não puderam descobrir (3,15-31). Deus, ao contrário, a doou a Israel como Torah, como ensinamento que guia a vida (4,1) e que deveria ter sobressaído ao orgulho (4,3-4). A causa do exílio é indicada no fato de Israel ter se recusado a caminhar nos caminhos de Deus abandonando a fonte da sabedoria (3,9-14). Análogo discurso sobre a sabedoria se encontra também em Jó (cap. 28), em Provérbios (cap. 8), no Eclesiástico (cap. 24) e no Deuteronômio (4,5-6).

Essas afirmações sobre a sabedoria divina, que pode ser reconhecida nos mistérios da natureza, mas que tem sua manifestação mais completa em uma revelação particular, são um convite a não restringir a inteligência humana aos limites demasiados curtos da simples pesquisa empírica. Os horizontes abertos ao homem vão bem além daqueles que a ciência pode descobrir.

A exortação à esperança (4,5-5,9) se abre como um lamento de Jerusalém personificada que chora a condição própria e a de seus filhos. A causa da tragédia nacional é sempre indicada como justa punição que Deus infligiu ao povo por causa de seus pecados (4,6-9.12-13). Exprime também a esperança de que Deus perdoará todas as culpas e reconduzirá os exilados à Terra Santa (4,18.21-27). O perdão é a força que impele o povo à conversão (4,28-29). O crente sabe que somente Deus pode conduzi-los a uma vida de santidade: coragem, Jerusalém! Aquele que te deu o nome consolar-te-á (4,28). Jerusalém, assim como cada ser humano,

não nasceu para ser vítima da constrição do pecado. Fomos criados para Deus e Nele é que nos descobrimos: tira, Jerusalém, a veste de luto e de miséria, reveste, para sempre, os adornos da glória divina.

A segunda parte é ainda um contínuo convite à esperança dirigida pelo profeta a Jerusalém. Os inimigos de Israel, que se alegraram com a destruição do povo de Deus, sofrerão a mesma pena (4,31-35). Jerusalém, ao contrário, será reconstruída mais resplandecente que antes, graças à intervenção de próprio Deus (4,36-5,9), indicado como “o Santo” (4,22.37; 5,5), termo frequente no Livro de Isaías.

A sátira contra os ídolos (c.6) exalta a unidade do Deus de Israel (6,5), à qual se contrapõe a multiplicidade dos ídolos e, sobretudo, a sua materialidade. A proibição de representar o Senhor em qualquer forma (Ex 20,2-6) é referência constante para demonstrar a inconsistência do culto idolátrico, dirigido à divindade que vem identificada com o ídolo. A sátira é um estilo muito eficaz para explicitar a fugacidade dos ídolos. A mesma condenação contra os ídolos aparece também em Isaías (40,18-20; 41,6-7; 44, 9-20), Jeremias (10,1-16), no Salmo 115 e no Livro da Sabedoria (15,5-13).

# ESTUDO DO LIVRO DO PROFETA BARUC



**Introdução (Br 1,1-14).** Com estes versículos se introduz o texto da mensagem que supostamente redigiu e leu o próprio Baruc diante dos exilados para a Babilônia. É preciso destacar, em primeiro lugar, a antecipação do impacto que a mensagem produz entre os exilados (vv.5-7), para que se inverta em holocaustos, vítimas expiatórias, incenso e oferendas (v.10). O outro aspecto destacado é o fervor e a admiração que se sente por Nabucodonosor, chefe do império opressor, o que contrasta fortemente com o Sl 136,8s, onde se deseja com toda alma um final desastroso para a Babilônia e se declara feliz aquele que tomar suas crianças e esmagá-las contra as rochas.

É evidente que se trata de uma peça literária tão tardia que a memória da dor e do sofrimento proporcionados pelo império caldeu se perdeu no tempo, o que é quase impossível, ou então se trata de um representante de alguma corrente abertamente pró-caldeia, mas que não perdeu sua identidade judaica. De qualquer modo, o importante é resgatar a intenção do autor e de sua mensagem: readaptar a experiência da queda de Judá e a humilhação do exílio a uma situação provavelmente semelhante sob a dominação selêucida ou lágida. Essa readaptação procura reforçar a necessidade de reconhecer as culpas e desvios do povo como elementos que atraem castigos e desventuras.

**Liturgia penitencial (Br 1,15-3,8).** Pode-se dividir em quatro partes:

1,15-2,10, em que se ressalta a confissão dos pecados de Israel; 2,11-18, que se centra mais na petição pela libertação; 2,19-35 e 3,1-8, que reclamam de Deus o cumprimento de suas promessas.

**Primeira parte (Br 1,15-2,10).** Esta primeira parte da liturgia penitencial começa com uma confissão dos pecados. O reconhecimento das culpas é determinado por outro reconhecimento primeiro e fundamental: Deus é justo (v.15); e essa justiça e bondade de Deus revela o comportamento desobediente e infiel que o povo israelita protagonizou desde que saiu do Egito. Assim, essa confissão nasce do profundo de uma alma arrependida, que diante da grandeza e justiça divinas se sente totalmente nua, despojada daquilo que o Senhor esperava do crente, e que nos lembra o primeiro homem no paraíso (Gn 3,10). Agora, o importante não é esconder-se para ocultar a nudez, mas sim, reconhecendo-se nu, assumir que ainda assim Deus está disposto a apostar em um projeto de amor e de justiça, do qual os protagonistas somos nós.

**Segunda parte (Br 2,11-18).** O penitente, nesse caso o povo, está convencido de que no reconhecimento sincero da desobediência e da recusa ao plano de Deus está a certeza da retomada da companhia e presença de Deus no meio do povo. É importante recalcar que a fé israelita parte sempre da experiência fundamental de seu conhecimento de Deus: a libertação do Egito.

Esta deve ser também nossa convicção mais profunda em relação a Deus: acima de tudo, o Deus em quem acreditamos e que seguimos é o Deus que aplica tudo em nossa liberdade, porque só nela e a partir dela estamos em condições de amá-lo, obedecê-lo e servi-lo. A liberdade, em nossa relação com Deus, não é um ponto de chegada; tem de ser um ponto de partida para podermos reconhecê-lo.

**Terceira parte (Br 2,19-35).** Existem duas coisas que vale a pena

ressaltar nesta terceira parte da liturgia penitencial: em primeiro lugar, o reconhecimento de que não são os méritos dos antepassados de Israel que agora movem o povo a suplicar ao Senhor, mas sim o deixar de lado a obstinação na qual sempre se viveu; obstinação que fica ilustrada na recusa da pregação dos profetas, nesse caso Jeremias (vv.21-26); em segundo lugar, a plena confiança e segurança em que Deus não deixará de cumprir suas promessas, neste caso reunir todos os dispersos, o que dará passagem a uma nova Aliança, baseada no mesmo compromisso de antes (v.35).

**Quarta parte (Br 3,1-8).** Termina a liturgia penitencial no mesmo tom com que começou, reconhecendo-se as culpas e pecados, e aceitando que a situação trágica vivida no momento é consequência dessa recusa e desobediência ao Senhor. Mas existe aqui algo que Jeremias já havia tentado corrigir durante seu ministério em Jerusalém, e igualmente Ezequiel entre os exilados em Babilônia: a responsabilidade pessoal no pecado ou a recusa consciente do plano de Deus e suas consequências. Havia uma falsa concepção de que os males pessoais e sociais eram consequência do pecado dos pais; inclusive chegou-se a cunhar o refrão:

“Os pais comeram uvas verdes e prejudicados ficaram os dentes dos filhos” (Jr 31,29). Jeremias lutou contra semelhante modo de pensar, mostrando que cada um é julgado e castigado por seus próprios erros. O mesmo propõe Ezequiel em seus ensinamentos (Ez 18). Pois bem, esse avanço não se percebe aqui (vv.4.5.7.8), apesar de tratar-se de um escrito muito posterior a Jeremias e a Ezequiel.

**Exortação sobre a sabedoria (Br 3,9-4,4).** A referência inicial ao exílio pode servir de ponto de ligação com o anterior. O capítulo em seu conjunto se inspira em Jó 28, Eclo 24 e Dt 4. Na alternativa entre vida e morte, bem e mal (Dt 30,15s), que intima a situação do exílio ou

diáspora e que se apresentou à consciência no ato penitencial, o povo busca uma resposta concreta, e a dão a ele: cumprir os mandamentos ou, se não os cumpriram, arrepender-se e mudar de vida. É preciso mudar de vida para salvar a vida. Arrepender-se é sabedoria (Sl 50,8); mudar de vida é colocar-se no caminho da sabedoria. Israel ainda pode voltar ao bom caminho: o de Deus, o da sabedoria. Embora seus indivíduos tenham de morrer como homens, o povo continuará vivendo como povo de Deus. Se outros povos fracassaram por não encontrar tal sabedoria, Israel fracassou porque, conhecendo-a, não a seguiu.

**Restauração de Jerusalém (Br 4,5-5,9).** Depois da confissão dos pecados e do convite à emenda, vem o oráculo de salvação e consolo. É um poema inspirado de perto em modelos de Is 40-66, sobretudo pela imagem matrimonial e pelo estilo de apóstrofe lírica. A relação do Senhor com o povo é vista aqui em uma imagem familiar. Deus é o Pai que criou o povo (Dt 8,5; Is 1,2). Jerusalém é a mãe do povo, pois representa a comunidade em seu valor fecundo e acolhedor (Is 49; 54; 66,7-14). O Senhor é o esposo de Jerusalém, como indicam esses textos, e também Is 62,1-9. O pai exige respeito (Ml 1,6), castiga os filhos para melhorá-los (Os 11). A mãe não pode conter-se (Is 49,15), deixa-se levar pela compaixão, embora seus filhos sejam a causa de seu penar. Exorta os filhos e intercede diante do marido (comparar com a atitude de Moisés em Nm 11). Abandonada pelo marido, a cidade se encontra na posição social de uma viúva sem meios (Is 50,1; 54,4). Nem mesmo seus filhos podem ajudá-la, mortos ou exilados (Is 51,18). Apesar de tudo, continua confiando e esperando. Já sente a iminência da salvação, obra de Deus, renovação do antigo êxodo.

O profeta se dirige ao povo (4,5-8); Jerusalém a suas vizinhas (4,9-16) e a seus filhos (4,17-29). O profeta se dirige a Jerusalém (4,30-5,9).

Jerusalém é o centro geográfico; em torno há uma série de capitais próximas; distante está o exílio ou a diáspora. De um ponto central contempla-se um movimento de ida e de volta. Mas só voltam israelitas, não voltam pagãos. Nisso fica distante de Is 2,2-5 ou Zc 8,20-23.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.